

# Ensaio sobre o olhar – cinema, fotografia e a construção de ficções urbanas

Giordano Toldo

Gosto de pensar a relação que mantemos com a cidade a partir das imagens, principalmente se vindas da fotografia e do cinema. A fotografia antes: em 1826, Joseph Nièpce faria a que temos como a primeira fotografia, em um processo que teria demorado oito horas para a aderência da imagem no material fotossensível. A fotografia de Nièpce pode ser simples, mas também é reveladora. Tirada sob o ponto de vista de alguém que olha pela janela, a primeira fotografia da história já é um olhar do sujeito para a cidade, a arquitetura e suas formas. Nada espantoso, pois, surgida no início do século 19, a fotografia seria uma de tantas ferramentas que serviriam ao olhar modernista e científico da época, que estaria voltando suas atenções para o espaço urbano.

FAROL

REVISTA DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE

NÚCLEO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE | FACE / UFMG | BELO HORIZONTE | V. 5 | N. 14 | DEZEMBRO | 2018 | ISSN: 2358-6311



Na fronteira entre o século 19 com o seguinte, surge o cinema. Uma máquina que permitiria capturar não só a verdade, mas também a verdade em movimento. Novamente é sensata a realização de tantos filmes conhecidos como sinfonias urbanas, ainda no início do século 20 – um quase gênero do cinema, que teria como intuito um percurso da câmera observando a circulação de pessoas, de automóveis, do dinheiro e do tempo em uma cidade.

Com o passar do tempo, fotografia e cinema teriam se tornado fonte de imagens de um imaginário que viveria o paradoxo de tentar viver e explicar a sociedade. Jacques Aumont sintetiza o poder do imaginário: “terreno da imaginação, entendido como faculdade criativa, produtor de imagens interiores eventualmente exteriorizáveis” (Aumont, 2011, p. 49). Seria nesta relação de produção de imagens interiores e exteriores que pretendo me deter por agora, apresentando o trabalho que venho desenvolvendo na minha pesquisa de mestrado em poéticas visuais no Programa de Pós Graduação em Artes Visuais da UFRGS. Intitulado *Em busca de Elliott Erwitt* o trabalho apresenta fotografias feitas por mim na cidade de Nova Iorque, durante sete dias em novembro de 2014. Trata-se de um trabalho de viagem, mas antes de tudo, apresenta uma forma de olhar para a cidade.

Sabemos que viajar e fotografar são hábitos contemporâneos e populares. Tornamo-nos fotógrafos quando viajamos. Mas que imagens nós pretendemos

fazer? Além de serem formas de retornar à viagem através de memórias, as fotografias representariam nossa vontade de irmos aos lugares que temos vivos em nossa imaginação, mesmo que nunca tenhamos os conhecidos de fato. Susan Sontag, filósofa que pensa a imagem fotográfica, escreve que “viajar se torna uma estratégia de acumular fotos. A própria atividade de tirar fotos é tranquilizante e mitiga sentimentos gerais de desorientação que podem ser exacerbados pela viagem. (...) isso dá forma a experiência: pare, tire uma foto e vá em frente” (Sontag, 2004, pg. 20). Hoje trocamos os álbuns de fotografia pelos HD’s, mas mesmo assim, se reuníssemos as imagens de viagens de diferentes pessoas, encontraríamos paisagens e situações semelhantes. Esta aproximação indicaria uma massa se articulando entre o turismo e a fotografia, formulando uma cultura ligada às viagens, criando desejos, formando valores, orientando práticas, investindo tempo e concentrando economias (Aquino, 2016).

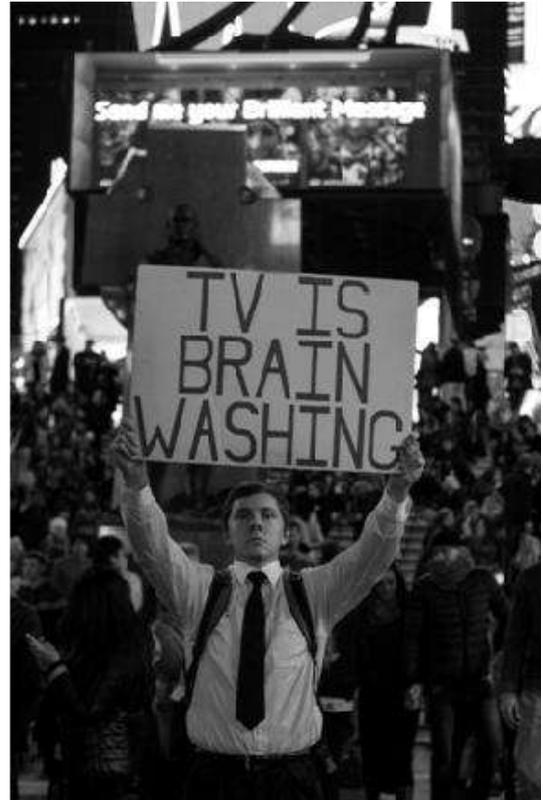
Sontag contribui com a ideia de que existiria uma *ética do ver*, para designar esta padronização do olhar que regeria, principalmente o turista, no modo de interação entre a imagem e aquilo que desejaríamos olhar (Sontag, 2004). Neste cenário de turistas orientados pela ética do ver, eu me preparava para ir em busca das imagens clássicas que os turistas-fotógrafos trazem para casa: a pose que imita a Estátua da Liberdade, um passeio no *Central Park*, um retrato sorridente na *Broadway*, cabelos ao vento no topo do *Empire State Building*. Porém,

na manhã do meu primeiro dia na cidade, esta ética do ver seria abalada, pois, numa loja de *souvenires*, eu encontrara *Elliott Erwitt's New York*, um livro de fotografias, cujas imagens em preto-e-branco sacudiram meu imaginário de turista e me fizeram querer estar em Manhattan com os pés no presente, mas com o olhar voltado para o passado.

Assim, durante os sete dias, fiz imagens que tentavam mostrar minha relação não com a Nova Iorque que nós turistas gostaríamos de estar, mas sim a cidade que fora fotografada por Elliott Erwitt entre as décadas de 1940 até início do século 21. O meu olhar estava atento às pessoas, aos objetos, às situações, aos contrastes que eu relacionara com as fotografias de Erwitt, construindo o meu recorte particular da viagem.

Figura 1 – *Esquerda*: Elliott Erwitt, Nova Iorque, EUA, 1969;

*Direita*: Giordano Toldo, Nova Iorque, EUA, 2014



Fonte – Erwitt (2011); Acervo pessoal do autor.

Figura 2 – *Em cima*: Elliott Erwitt, Nova Iorque, USA, 1963;

*Embaixo*: Giordano Toldo, Nova Iorque, 2014



Fonte – Erwitt (2011); Acervo pessoal do autor.

Figura 3 – *Esquerda*: Elliott Erwitt, Nova Iorque, EUA, 1955;

*Direita*: Giordano Toldo, Nova Iorque, EUA, 2014



Fonte – Erwitt (2011); Acervo pessoal do autor.

Figura 4 – *Em cima*: Elliott Erwitt, Nova Iorque, USA, 1953;

*Embaixo*: Giordano Toldo, Nova Iorque, 2014



Fonte – Erwitt (2011); Acervo pessoal do autor.

O trabalho como um todo contempla trinta fotografias em preto-e-branco. Selecionei apenas quatro para este ensaio, pois são exemplos de alguns acasos que teriam acontecido durante o meu circular pela cidade. Nem todas as fotografias contemplem uma identificação tão próxima como estas apresentadas,

mas por efeito de ilustração acredito que estas representam com sucesso a ideia não só do encontro, mas do humor de Erwitt que contaminara meu olhar. Sobre o palhaço: é o duplo mais relevante do trabalho, pois os dois estão circulando na *Times Square*, numa diferença de mais de sessenta anos. Fora no último dia de viagem que avistei o *clown*, quase que no apagar das luzes. Ao vê-lo e, conseqüentemente, fotografa-lo senti só os fiz porque havia um filtro no meu olhar que o destacara da multidão. O restante das fotografias pode ser conferido em [www.giordanotoldo.format/elliottterwitt](http://www.giordanotoldo.format/elliottterwitt).

Para incluir o cinema nesta relação basta lembrar o belíssimo filme-homenagem *Tokyo-Ga* (1985) do realizador alemão Wim Wenders. O diretor faz uma reverência a Yasujiro Ozu (1903-1963), mestre do cinema japonês e autor de filmes como *Era uma vez em Tóquio* (1953) e *Pai e filha* (1949). A partir de uma viagem que fizera à Tóquio, Wenders teria buscado reencontrar e filmar imagens que se assemelhassem com os filmes de Ozu. O trecho em *voice-over*, que abre o filme, é a própria voz de Wim Wenders narrando sobre suas expectativas ao visitar a cidade:

Assim, a minha viagem a Tóquio não foi uma peregrinação. Eu tinha curiosidade de saber se ainda encontraria algo daquela época, se havia restado algo do seu trabalho, imagens, talvez. Ou até mesmo pessoas. Ou se tantas coisas haviam mudado em Tóquio nos vinte anos desde a morte

de Ozu, que não haveria nada a encontrar (Transcrição do filme Tokyo-Ga).

Figura 5 – *Tokyo-GA*, Wim Wenders, 1985



Fonte – Tokyo-Ga (1985).

Figura 6 – *Era um vez em Tóquio*, Yasujiru Ozu, 1953



Fonte – Tokyo-Ga (1985).

Desta forma, Yasujiro Ozu estaria para Wenders como Elliott Erwitt estaria para mim. Pelo menos no sentido desse alguém que nos doaria imagens, que nos daria a ver. Ao folhear o livro com as fotografias de Erwitt, eu teria me permitido encontrar imagens que jamais haveria visto, pois da imagem também esperamos que ela nos introduza em um mundo diferente daquele que vivemos.

Em seu momento em Tóquio, Wenders fora atrás das múltiplas maneiras de se conectar com a bucólica cidade de Ozu. Wenders estava pessimista sobre esse encontro. Para ele, a Tóquio que Ozu teria registrado já não era mais possível, mesmo quando adotada a mesma técnica de filmagem de seu mestre: utilizando a

câmera baixa, na altura dos olhos de uma pessoa quando sentada, com uma objetiva 50 mm.

*Em busca de Elliott Erwitt e Tokyo-Ga* indicariam a soberania do olhar numa postura em relação ao urbano e aos desejos de configuração do espaço. A fotografia e o cinema apareceriam então como ferramentas de recorte da realidade, e desta maneira configurariam uma ficção. Para Marc Augé, “nossa relação com a imagem e o espaço se apresentaria de duas maneiras: nós recebemos as imagens e nós as fabricamos. Fabricar uma imagem seria um modo de se apropriar do espaço transformando-o<sup>1</sup>” (Augé, 2013, p. 149). Esta conclusão nos leva a crer que fotografia e cinema, mesmo quando se pretendem ser documentos de uma realidade, são ficção antes de tudo, termo erroneamente confundido com a mentira. “A ficção não é, antes de mais nada, mentira ou ilusão: é uma ferramenta que possibilita a criação do outro em função dos próprios desejos e temores; é, sobretudo, um meio para viver melhor a sua própria relação com o real e apreender, mesmo pelo pensamento, esse real. A ficção não é o oposto da razão, é sua ferramenta” (Soulages, 2009, p. 149). Isto que o filósofo François Soulages nos lembra seria fundamental para entendermos a importância da imagem na construção daquilo que temos como real e racional.

---

<sup>1</sup> *Notre relation à l'image et à l'espace se présente sous un double aspect : nous recevons des images et nous en fabriquons. Fabriquer des images, c'est à la fois s'approprier l'espace et le transformer.*

Os dois trabalhos aqui expostos – um de cinema, outro de fotografia – apresentam uma forma de ver o mundo que se relaciona com o olhar do outro, estabelecendo uma relação de alienação do olhar, e conseqüentemente daquilo que se acredita ser a verdade. Em uma lógica na qual o meu olhar desejaria ver aquilo que o outro teria desejado olhar.

Olhar através dos olhos do outro seria sentir que

em algum lugar atrás desses olhos, atrás desses gestos, ou melhor, diante deles, ou ainda em torno deles, vindo de não sei que fundo falso do espaço, outro mundo privado transparece através do tecido do meu, e por um momento é nele que vivo, sou apenas aquele que responde à interpretação que me é feita. Por certo, a menor retomada da atenção me convence de que esse outro que me invade é todo feito de minha substância: *suas cores, sua dor, seu mundo*, precisamente enquanto *seus*, como os conceberia eu senão a partir das cores que vejo, das dores que tive, do mundo em que vivo? Pelo menos, meu mundo privado deixou de ser apenas meu, é agora, instrumento manejado pelo outro, dimensão de uma vida generalizada que se enxertou na minha. (Merleau-Ponty, 2014, p. 22).

Maurice Merleau-Ponty faz uma avaliação de percepção do mundo através do olhar e de uma relação com o outro: “é verdade que o mundo é *o que vemos* e que,

contudo, precisamos aprender a vê-lo” (Merleau-Ponty, 2014, p. 16). As imagens nos ensinam a ver o mundo, e nossa relação com elas é fundamental para tanto.

Importante perceber o cinema, a fotografia e a arte como acolhedoras destas reflexões sociais e filosóficas, que pontuam relações cotidianas de convívio e desejo nas nossas relações com a cidade. Bastaria nos entregarmos a uma ou mais imagens para sentirmos o poder delas, deixando-as nos conduzir por uma verdade que não é outra coisa, senão ficção.

## REFERÊNCIAS

Aquino, L. (2016). *Picture ahead : a Kodak e a construção do turista-fotógrafo*. São Paulo: Ed. do Autor.

Augé, M. (2013). *L'impossible voyage: le tourisme et ses images*. Paris: Rivages.

Aumont, J. (2011). *A imagem: olhar, matéria, presença* (3a ed.). Lisboa: Texto & Grafia.

Erwitt, E. (2011). *Elliott Erwitt's New York*. Henrichemont: teNeues.

Merleau-Ponty, M. (2014). *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva.

Sontag, S. (2004). *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras.

Soulages, F. (2009). A ficção fotográfica: antropologia & estética. In: *A invenção de um mundo: Coleção da Maison Européene de La Photographie, Paris* (pp. 148-155). São Paulo: Itáú Cultural.

*Tokyo-Ga*. (1985). Direção: Wim Wenders. [Alemanha]: Vinny Films. 1 DVD. (92 min.).

## Ensaio sobre o olhar – cinema, fotografia e a construção de ficções urbanas

### Resumo

Com apoio prático e teórico do filme *Tokyo-Ga*, de Wim Wenders, e do trabalho fotográfico *Em busca de Elliott Erwitt*, desenvolvido por mim no projeto de mestrado pelo PPGAV – UFRGS, analiso a força das imagens para a construção de certo olhar sobre a cidade. A fotografia e o cinema teriam papel importante na construção de um imaginário urbano, interferindo nos nossos desejos de ver e de se relacionar socialmente. Pensadores como Susan Sontag e Marc Augé detiveram suas reflexões na relação existente entre o envolvimento e a produção de imagens, percebendo éticas de conduta social no que se refere, principalmente, ao fotografar. Esta produção de imagens interferiria diretamente no real, propondo um recorte do mesmo através do olhar, aquilo que François Soulages se referiria como um exercício da ficção.

### Palavras-chave

Fotografia. Cinema. Olhar. Ficção. Cidade.

## Essay on look – cinema, photography and the construction of urban fictions

### Abstract

With practical and theoretical support of Wim Wenders' Tokyo-Ga and the photographic work *Em busca de Elliott Erwitt*, developed by me in the master project by PPGAV - UFRGS, I analyze the force of the images to construct a certain look about the city. Photography and cinema would play an important role in the construction of an urban imaginary, interfering with our desires to see and relate socially. Thinkers such as Susan Sontag and Marc Augé aimed their reflections on the relationship between the involvement and the production of images, perceiving ethics of social conduct in what refers, especially, to photography. This production of images would directly interfere in the real, proposing a cut of the same through the look, what François Soulages would refer like an exercise of the fiction.

### Keywords

Photography. Cinema. Looking. Fiction. City.

## Ensayo sobre la mirada – cine, fotografía y la construcción de ficciones urbanas

### Resumen

Con el apoyo práctico y teórico de la película *Tokyo-Ga*, de Wim Wenders, y del trabajo fotográfico *Em busca de Elliott Erwitt*, desarrollado por mí en el proyecto de maestrado por el PPGAV - UFRGS, analizo la fuerza de las imágenes para la construcción de cierta mirada sobre la ciudad. La fotografía y el cine tendrían un papel importante en la construcción de un imaginario urbano, interfiriendo en nuestros deseos de ver y de relacionarse socialmente. Los pensadores como Susan Sontag y Marc Augé detuvieron sus reflexiones en la relación existente entre el involucramiento y la producción de imágenes, percibiendo éticas de conducta social en lo que se refiere, principalmente, al fotografiar. Esta producción de imágenes interferiría directamente en lo real, proponiendo un recorte del mismo a través de la mirada, lo que François Soulages se referiría como un ejercicio de la ficción.

### Palabras clave

Fotografía. Cine. Mirar. Ficción. Ciudad.

## Autoria

### Giordano Toldo

Mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Cinegrafista da RBS TV. <http://lattes.cnpq.br/5376235383755437>.

<https://orcid.org/0000-0002-1968-6589>. E-mail: [giordanostoldo@gmail.com](mailto:giordanostoldo@gmail.com).

### Endereço para correspondência

Giordano Toldo. Rua Anita Garibaldi, 1775, ap. 603, Boa Vista, Porto Alegre, RS,

Brasil. CEP: 90480201. Telefone: (+55 51) 995094547.

### Como citar esta contribuição

Toldo, G. (2018). A viagem através da imagem. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 5(14), 1407-1425.

*Imagem do acervo pessoal do autor. Capa diagramada por Vitor Drumond. Contribuição submetida em 24 jul. 2018. Aprovada em 25 jul. 2018. Publicada online em 10 fev. 2019. Sistema de avaliação: Desk Review. Avaliação sob responsabilidade do Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Editor: Luiz Alex Silva Saraiva.*

